

# EDUCAÇÃO PARA INOVAR E COMPETIR

***Painel realizado durante Enai 2014 discute caminhos para a melhoria da qualidade educacional***

O aumento da produtividade dos trabalhadores brasileiros é um dos elementos estratégicos para a retomada do crescimento econômico do País. Para se ter ideia, entre 1980 e 2013 a produtividade brasileira cresceu 5,6%, enquanto na China o aumento foi em torno de 900%. Para melhorar esse índice, é imprescindível que o Brasil volte seus olhares para a formação de profissionais bem qualificados.

No painel Educação para Inovar e Competir, realizado durante a programação do 9º Encontro Nacional da Indústria (Enai), no dia 5 de novembro, em Brasília/DF, o economista e assessor especial da Presidência do Grupo Positivo, Claudio de Moura Castro; o empresário e membro do Conselho de Administração da Klabin, Horacio Lafer Piva; e o diretor de Tecnologia e Inovação da Vale e diretor-presidente do Instituto Tecnológico Vale, Luiz Mello, debateram sobre o ensino brasileiro e as mudanças necessárias no setor para que o País volte a ganhar competitividade.

Os três convidados foram enfáticos ao dizer que o Brasil tem um desafio a enfrentar em sua educação: qualidade. Castro apontou como um dos motivos de a qualidade do ensino brasileiro quase não avançar o fato de país, alunos e professores



terem a falsa percepção de que a educação é boa. “Enquanto a família e os estudantes não se convencerem de que a nossa educação não é apenas ruim, mas muito ruim; enquanto não se criar um mecanismo de indignação, de intolância com a má qualidade do ensino de hoje, nada vai acontecer”, disse o assessor aos presentes.

Já Piva ressaltou que, sem educação, não é possível chegar a lugar algum. Ele disse estar convencido de que “emprego de qualidade, que ajuda, de fato, um país a entrar nas cadeias globais de valor, tende a vir pela porta da frente, e essa porta é a indústria. Por isso, acho que esse Encon-

tro é uma oportunidade muito adequada para se discutir isso”. E questionou: “Por que não aproveitamos as nossas características de País diverso, policultural, que pode avançar em cima de uma base muito rica, muito adequada, e não investimos potencialmente em uma educação séria?”.

Ainda de acordo com o empresário, há muitas pessoas se formando no ensino superior sem que realmente tenham entendido o que é importante para o mercado. Tal fato acontece, segundo ele, porque não se tem conseguido explicar aos futuros profissionais do que o mundo do trabalho realmente precisa. “Não há uma interlocução saudável entre as universidades e os empresários”, pontuou.

*Painel Educação para Inovar e Competir, realizado durante a programação do 9º Enai*



Fotos: José Paulo Lacerda

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para Claudio de Moura Castro, para melhorar a qualidade da educação já no ensino básico, é preciso enfrentar o problema em sua essência, que, segundo ele, hoje passa pela formação de docentes. "Os professores passaram a ser formados em um curso de orientação pedagógica que nem ensina a dar aula, nem instrui o conteúdo que precisa ser ensinado. No fundo, estamos tentando formar professores utilizando um programa errado", afirmou.

Mello também destacou a necessidade de se reformar a maneira como os docentes do ensino básico estão sendo capacitados. "Evidentemente que, quando dizemos que os professores têm baixa qualidade, há exceções. Mas, como regra, a qualidade do ensino básico no Brasil é baixa porque a qualidade do docente também é. O salário também é baixo". Segundo ele, esse círculo vicioso deve ser quebrado através da recuperação do prestígio da profissão de professor e pelo aumento de salários. "Falta a ambição, a visão de uma carreira desejável. Na Finlândia e no Japão, o professor é venerado, é honrado, respeitado, é algo absolutamente louvável. Aqui, não é a mesma coisa", disse.

Outro ponto destacado foi a importância do papel do diretor no contexto educacional. Tanto Castro quanto Piva discursaram sobre a necessidade de se assegurar a qualidade dos diretores das instituições de ensino para propiciar a conquista de bons resultados de desempenho nas escolas de todo o País. Castro enfatizou: "A escola tem a cara do diretor".

## FORMAÇÃO DE ENGENHEIROS

Atualmente, uma das grandes preocupações da indústria diz respeito à formação de engenheiros para atuar no setor. Além do grande déficit de profissionais nessa área, a formação atual desse profissional não garante as competências necessárias para que ele supere os desafios impostos pelo mercado industrial.

Para Piva, tal fato ocorre não por esses alunos não estarem bem formados, mas porque as demandas mudam e eles não foram




Horacio Lafer Piva, empresário e membro do Conselho de Administração da Klabin



Claudio de Moura Castro, economista e assessor especial da Presidência do Grupo Positivo



Luiz Mello, diretor de Tecnologia e Inovação da Vale e diretor-presidente do Instituto Tecnológico Vale



educados para acompanhar essas transformações. De acordo com o empresário, o mercado busca engenheiros que “tenham habilidades pessoais que transcendam a formação objetiva e quantitativa dos cursos tradicionais. O mercado busca por engenheiros que falem inglês, que tenham características de liderança, iniciativa, espírito inovador e empreendedor e que saibam tomar decisões”. Ele acredita que, nesse contexto, a aproximação entre as empresas e as escolas pode contribuir para que esse problema seja sanado. “O empresário tem que entrar ‘nesse jogo’ com muito mais efetividade e eficácia. Ele precisa ajudar a desenhar o currículo”, afirmou.

Outro entrave apontado para a qualidade da formação de engenheiros diz respeito à falta de experiência de alguns docentes no mercado de trabalho. Castro disse que, hoje, a situação que se tem é de alunos que querem aliar seus conhecimentos teóricos à prática. Mas, muitas vezes, essa passagem não existe nas universidades. “Em atividades profissionalizantes, técnicas, práticas, o que se precisa é da experiência profissional. Em cursos profissionalizantes, a dimensão da atividade prática é essencial”, enfatizou Mello.

Ele também ressaltou que há modelos diversos de solucionar essa falta de proximidade entre o universo acadêmico e o mercado de trabalho; contudo, destacou como alternativa o Ensino Cooperativo, em que o estudante passa um tempo determinado na faculdade e outro na empresa. “No Canadá, existe um conjunto de universidades em que se criou um modelo chamado Ensino Cooperativo. O ponto central seria o seguinte: o aluno estuda por um ano, e, durante o outro ano, ele sai da universidade para trabalhar na indústria. Isso é obrigatório”, exemplificou. Mello ainda ressaltou que, “hoje, no Brasil, o estágio é muito burocrático. Ele se tornou muito mais complicado do que era antes. Mas, certamente, estabelecer programas formais em que o estudante fique por um ano ou por períodos de seis meses em uma empresa traria ganhos enormes”.

## REGULAÇÃO GOVERNAMENTAL

Sobre o papel da regulação governamental ou dos órgãos de classe como indutores das transformações na educação, Castro argumentou que a regulação brasileira traz alguns pontos positivos, porém há um excesso de normas que acabam impossibilitando que melhorias sejam feitas para se alcançar a qualidade da educação. “Há um excesso de regulação que trava e impede as coisas de acontecerem. Os currículos estão totalmente travados. Sobretudo nas universidades federais, temos uma inércia embutida no sistema que é reforçada pela regulação”, disse.

Contudo, Mello ressaltou que o governo pode contribuir para a melhoria do setor educacional. “O governo pode ser indutor na hora que aloca recursos. Quando isso acontece, as instituições, nesse caso as universidades federais, muitas vezes se movimentam para capturar esses recursos. Então, há maneiras de se trabalhar isso. Mas, certamente, um afrouxamento relativo da regulação seria muito bem-vindo”, pontuou.

## MUDANÇAS

É preciso galgar um longo caminho em busca da melhoria da educação no País. Segundo Claudio de Moura Castro, atualmente, o que se vê ainda é muito voluntarismo. “Mas isso não reforma a educação do Brasil. É preciso indignação da sociedade brasileira. É preciso esse reconhecimento de que não se conserta a educação sem pisar nos calos. Isso é algo que ainda terá que ser feito”, afirmou. Mello concordou e disse que “a indignação do indivíduo e da sociedade como um todo é o ponto central para o início dos avanços”.

Já Piva disse acreditar que é possível mudar o cenário da educação brasileira atual. Contudo, destacou que, para isso, é preciso que haja grandes esforços. “Dá para mudar esse quadro? Dá. Mas é preciso que muitas ‘armas’ sejam depostas pelos professores, será preciso muito suor dos empresários e muita efetividade do governo”, finalizou. ■